

Nomes em *-ismo* no português dos séculos XVIII a XX

Ana Vieira Barbosa

Instituto Politécnico de Leiria, Celga

Graça Rio-Torto

Universidade de Coimbra

Recibido: 15-1-2009

Aceptado: 28-1-2009

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo observar la manera como se llevó a cabo, en la lengua portuguesa, la expansión de las denominaciones en *-ismo*, a lo largo de los siglos (sección 1), en relación con su procedencia (sección 2), ya se trate de denominaciones autóctonas o de nombres resultantes de la importación/traducción de las lenguas clásicas y modernas. En la sección 3 se analizan y problematizan las áreas temáticas en las cuales se sitúan estos nombres: (i) Ciencias humanas y sociales, Creencias y Pensamiento, (ii) Ciencias y Tecnología, (iii) Salud (iv), Artes y (v) Ocio, Deporte y Vida Cotidiana, la que tiene una expansión más reciente. La sección 4 está dedicada a la semántica del sufijo, sus acepciones más innovadoras, y su vínculo con el área temática en el que los nombres se encuadran.

Palabras clave: Derivación, nombres en *-ismo*, traducción/importación, lenguajes de especialidad, léxico portugués.

Abstract: The aim of this text is to observe how denominations in *-ismo* have expanded for centuries in Portuguese (section 1) according with its source (section 2). The analysis is focused on Portuguese denominations and also on names imported or translated from other classic or modern languages. Section 3 describes the thematic areas of these denominations (i) Human and Social Sciences, Beliefs and Thought (ii) Sciences and Technology, (iii) Sciences of Life, (iv) Arts and (v) Leisure time, Sports, and Daily life. Section 4 is dedicated to the semantics of the suffix, its

innovative variation, in correlation with the thematic area in which the names are included.

Key words: Derivation, names in *-ismo*, translation/borrowing, languages for specific purpose, Portuguese lexicon.

INTRODUÇÃO

Tal como sucede em outras línguas europeias, também em português as denominações em *-ismo* estão amplamente representadas, seja em nomes derivados ou não. Um número considerável de denominações em *-ismo* faz parte de léxicos de especialidade, sendo utilizadas para designar realidades muito específicas. Algumas dessas denominações circulam de língua para língua, muitas vezes por recurso a processos de tradução e importação, aproximando as línguas entre si, no que a estes termos de especialidade e aos respectivos processos de construção diz respeito¹.

Uma vez que estes nomes contêm um sufixo internacional e configuram denominações de áreas temáticas transversais a várias culturas, torna-se imperioso observar os contactos que entre as línguas grega, latina, portuguesa e demais línguas europeias se estabelece(ra)m, permitindo a difusão e a circulação de muitas das denominações, e observando quais delas servem de fonte e/ou de modelo para novas denominações em *-ismo*.

É sabido que as línguas grega e latina desde sempre estiveram e ainda hoje estão ligadas à formação de novos termos técnicos e científicos, e as denominações em *-ismo* não constituem excepção. Mas também outras línguas modernas funcionam como fonte de empréstimos deste tipo de denominações, o que contribui para uma enorme dinâmica dos contactos de línguas, a que o português não é alheio.

Assim, este estudo tem como objectivo apresentar uma panorâmica da difusão dos nomes em *-ismo* ao longo dos séculos nomeadamente (i) em relação às línguas clássicas e europeias de cujo contacto a língua portuguesa beneficiou (secção 2) e (ii) em relação às áreas temáticas em que estes se foram expandindo (secção 3).

1 Aplicam-se a esta realidade as palavras de Cabré (1993: 84) a respeito das denominações terminológicas e sua circulação internacional: «La terminología concibe los términos en un sentido internacional, y por ello tiende a privilegiar los modos de formación que, en los lenguajes de especialidad, acercan las lenguas históricas entre sí».

O *corpus* de análise de que nos servimos, e que se inicia no século XIV, foi coligido tendo por base o *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael Ferreira <www.corpusdoportugues.org>. Este *corpus* fornece a maioria das denominações analisadas. Todavia, os dados nele recolhidos foram complementados com os de dicionários da língua, nomeadamente com dicionários (ou edições destes) que não foram considerados na constituição do *Corpus do Português*. Para o século XVIII servimo-nos de Bluteau 1712-1721 («classificador de todo o universo terminológico, científico e técnico da época» Verdelho, 1998: 34), porque apesar de ser citado no *Corpus do Português*, há alguns nomes em *-ismo* que não estão nele contidos. Para o século XIX usámos a edição de 1889-1891 de Moraes Silva e, para o século XX, o *Dicionário da Língua Portuguesa* 2006 [DLP 2006]. Deste modo, os dados apresentados para os séculos XVII, XIX e XX resultam da soma do material recolhido no *Corpus do Português* com o material recolhido nos dicionários.

Os dados do *corpus* serão inicialmente apresentados numa perspectiva cronológica (secção 1), o que nos permite avaliar o ritmo de crescimento dos nomes em *-ismo*. Na secção 2 apreendemos o modo de criação e/ou introdução desses nomes na língua portuguesa, através da observação de quais as línguas (e em que fases) têm maior ou menor influência na emergência destes nomes em português. Num terceiro momento, apresentamos a sua distribuição por áreas temáticas (secção 3), e na secção 4 faremos uma reflexão sobre a semântica do sufixo em correlação com as áreas temáticas ao serviço das quais está.

Os dados etimológicos para a realização deste trabalho foram fornecidos por Cunha 1986, e por Corominas y Pascual 1991-1997.

Os dados coligidos não se encontram exclusivamente em textos de especialidade e/ou de divulgação, tal como definidos em Alves, 2002. Todavia, os nomes em *-ismo* que serão analisados representam, na sua maioria, denominações de especialidade, ou seja, denominações enquadráveis em léxicos de áreas especializadas do saber².

Por razões operacionais, começámos por enquadrar as denominações recolhidas nas áreas temáticas recortadas no *Corpus de Referencia del Español Actual* <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>, proposto pela Real

2 De acordo com Correia (1998: 59), as linguagens de especialidade são «subsistemas linguísticos que compreendem o conjunto de meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.), visando a não ambiguidade na informação».

Academia Espanhola. Essas áreas temáticas, que representam domínios particulares de saberes especializados, são:

1. Ciencias y tecnología
2. Ciencias sociales, creencias y pensamiento
3. Política, economía, comercio y finanzas
4. Artes
5. Ocio, vida cotidiana
6. Salud

Todavía, pela sua própria semântica, a distribuição de nomes em *-ismo* dificilmente se revê neste quadro de áreas temáticas, pelo que se impõe uma reformulação relevante: muitos dos nomes em *-ismo* que nele surgem incluídos na área da Política, economía, comercio y finanzas são denominações que se inscrevem na área das Ciencias Sociales, creencias y pensamiento, pois denotam sistemas conceptuais específicos de cada um desses domínios, e por isso serão enquadrados numa área mais ampla de Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento.

Os nomes que se inserem nas áreas Artes e Ocio, vida cotidiana são mais recentes e aportam algumas inovações semânticas. De modo a evidenciar estas especificidades, justifica-se que estas duas áreas sejam tratadas na mesma secção.

Perante os dados, e tomando como quadro de referência as áreas temáticas do *Corpus de Referencia del Español Actual*, optámos por trabalhar com as seguintes áreas: (i) Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento, (ii) Ciências e Tecnologia, (iii) Ciências da Saúde, (iv) Artes e (v) Desportos, Lazer e Vida quotidiana.

A afectação dos nomes às diferentes áreas do saber foi feita tendo em conta as definições lexicográficas de cada um e/ou o contexto fornecido pelos excertos textuais em que as palavras se encontram atestadas. Foi por vezes útil a indicação relativa à área de especialidade facultada por alguns dicionários, embora nem todos a forneçam e nenhum o faça de modo sistemático. De qualquer modo, mesmo nos casos em que os dicionários apresentam informação relativa à área do saber, foi não raro necessário (re)enquadrá-la, de forma crítica, nas áreas temáticas com que trabalhávamos.

A distribuição das denominações em *-ismo* por áreas temáticas teve em conta o facto de os léxicos de especialidade não constituírem conjuntos estanques, como as palavras de Barbosa, 1998: 192 confirmam:

No eixo do *continuum* científicidade/banalização, podemos detectar termos/vocábulo que se situam na interface entre o discurso científico e o

discurso banal, como, por exemplo, o termo/vocábulo *câncer*. Esse tipo de termos garante a comunicação entre os especialistas de uma área, entre leigos, entre os primeiros e o segundos. Por conseguinte, entre o mais alto grau de cientificidade e o mais alto grau de banalização, existe, sempre, um subconjunto que tem dupla natureza, a de *termo* e a de *vocábulo*.

Assumindo a existência deste *continuum*, inserimos no nosso *corpus* não apenas os termos que se encontrariam marcados por grau máximo de cientificidade, mas também aqueles que não preenchem esse requisito, até porque algumas das denominações em *-ismo* são flexíveis quanto ao grau de especialização semântica.

1. DENOMINAÇÕES EM *-ISMO* AO LONGO DO TEMPO

Nesta secção observamos a progressão quantitativa dos nomes em *-ismo* ao longo dos séculos no português, descrevendo o número de denominações atestadas, de acordo com as fontes consultadas, em cada século.

O volume de dados dos séculos XIV a XVII é reduzido. No entanto, pelas razões de seguida aduzidas por Verdelho, 1998, impõe-se ter em conta esta informação.

A partir do século XIV ou mesmo ainda no século XIII, inicia-se para a língua portuguesa a experiência decisiva da tradução do texto técnico, a partir sobretudo do latim e do castelhano. Foi pela via da tradução, mais do que pela inovação terminológica, que o português cultivou e desenvolveu a sua aptidão terminológica, recriando estruturas lexicais, adequando-se à escrita, e sistematizando o confronto interlinguístico com as línguas clássicas e progressivamente com as restantes línguas europeias (Verdelho, 1998: 19).

Apesar de o volume de dados recolhido nestes séculos não ser numericamente significativo, é neles que se inicia a produção de texto técnico e que se estabelecem os padrões de produção e de introdução dos nomes em *-ismo* em português. Nos nomes recolhidos neste período é possível observar (cf. secção 2) o percurso que se inicia com o recurso às línguas clássicas, através de fenómenos de importação/tradução. Mais tarde o português recorrerá também às línguas modernas.

Para as denominações em *-ismo* relativamente às quais em épocas mais remotas se registaram diferentes variantes formais (*baptismo*, *bautismo*, *catecismo*, *cathezismo*, etc.) optámos por usar, na menção da denominação, a forma ortográfica actual na língua portuguesa.

As denominações em análise correspondem a palavras derivadas e a não derivadas (pelo menos nas línguas contemporâneas), uma vez que o escopo do trabalho incide sobre a especificidade semântica da denominação em *-ismo*, independentemente da natureza genolexical destas.

Os nomes em *-ismo* tiveram um crescimento inicialmente muito lento para, na passagem do século XIX para o XX apresentarem um gigantesco salto quantitativo (cf. Gráfico 1).

São os seguintes os dados numéricos (que contemplam denominações em *-ismo* derivadas e não derivadas) com base nos quais foi elaborado o Gráfico 1:

- século XIV: 1 nome
- século XV: 3 nomes
- século XVI: 11 nomes
- século XVII: 20 nomes
- século XVIII: 44 nomes
- século XIX: 268 nomes
- século XX: 1171 nomes

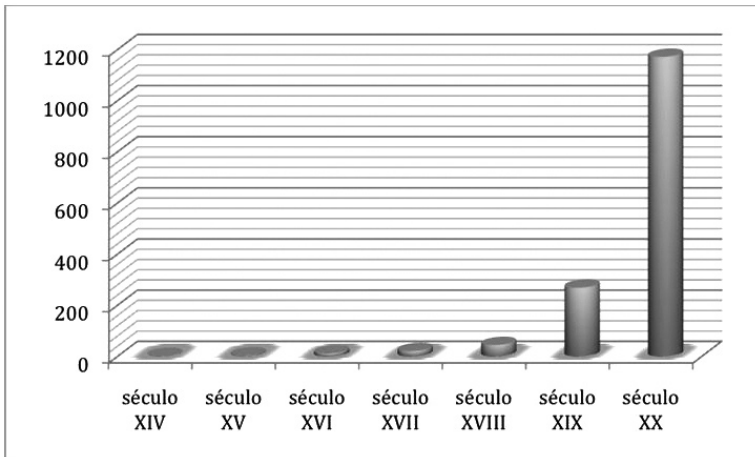


Gráfico 1. Crescimento dos nomes em *-ismo* ao longo dos séculos

O gráfico 1 permite observar que o uso dos nomes em *-ismo* tem um crescimento muito paulatino até ao século XVII, só atingindo valores minimamente significativos no século XVIII.

O aumento significativo do volume de dados nos séculos XVIII a XX justifica que dediquemos maior atenção a este período, nomeadamente em termos de distribuição das denominações em *-ismo* por áreas temáticas.

Aliás, é neste período que se verifica um grande impulso no dinamismo criativo e difusor das linguagens de especialidade por toda a Europa, o que se reflecte naturalmente também neste sector da língua portuguesa.

2. PROCEDÊNCIA DAS DENOMINAÇÕES EM -ISMO

A evolução da história e das civilizações aporta novos nomes, mas também novas fontes e processos de introdução e/ou formação destes.

Por diversas razões, os nomes em -ismo apresentam, desde sempre, facilidade de circulação entre as diferentes línguas europeias, tornando-se algumas delas fontes profícuas da sua formação e difusão. Observaremos quais as que, a par das línguas clássicas, no decorrer dos séculos foram contribuindo para o crescimento destas denominações no português.

2.1. Século XIV

No século XIV, no *Corpus do Português* encontra-se atestado o nome *baptismo*, que ocorre em texto de natureza religiosa, consagrado à vida dos santos Barlaam e Josephat: «e por outras santa palauras e Insinamentos em ssynou barlaao offfilho del Rey e fezeo aparelhar pera Reçeber osanto bautismo e mandoulhe que Jejuasse e chorasse por muytos dias» (*apud* <www.corpusdoportugues.org>). De origem grega, o nome terá chegado ao português através do latim.

2.2. Século XV

No século XV, além de *baptismo*, ocorrem no *Corpus do Português* os nomes *catecismo*, «por que do cathezismo ëtêdo dizer no sacramento do bautismo poys he parte delle aqui direy da enformaçom que nelle deue aver ante do bautismo qual quer xpistião» (Clemente Sánchez de Vercial, 1488, *Sacramental*) e *exorcismo*, «Exorzismo he esconjuraçom & increpaçom contra o diabo que se aparte do homem & dizese de exorzizo que quer dizer escomjurar & he as oraçõeas que diz o saçerdote ante do bautismo cõrra o diabo assy como» (Clemente Sánchez de Vercial, 1488, *Sacramental*).

Estes dois excertos textuais são retirados da tradução portuguesa de 1488 da obra pastoral *Sacramental* (1420-1423) redigida inicialmente em castelhano por Clemente Sánchez de Vercial. De acordo com Cunha (1986), *baptismo* e *catecismo* são de origem grega e chegam às línguas românicas através das suas formas latinas.

2.3. Século XVI

No século XVI dá-se início, ainda que de forma tímida, a uma nova modalidade de emergência, de introdução e de produção de nomes em *-ismo* no português, já que aparece o primeiro testemunho de produção autóctone nesta língua.

De acordo com o *Corpus do Português*, persistem denominações em *-ismo* de origem grega (segundo Cunha, 1986), que se foram difundindo por várias línguas através do latim, tais como

barbarismo, «Barbarismo é vício que se comete na escritura de cada uma das pártes ou na pronunçiaçám» (João de Barros, 1540, *Gramática da Língua Portuguesa*).

ostracismo, «Pois ao justo Aristides um robusto, votando no ostracismo costumado, lhe disse claro assi: - Porque era justo desejava que fosse desterrado» (Camões, *Obras*).

silogismo, «E será com um silogismo que a outro prepósito fáz o mesmo Séneca (Sene de moribus): Todo pecádo é obrár e todo obrár é voluntário, quér seja torpe quér honesto: logo, todo pecádo é voluntário.» (João de Barros, 1540, *Gramática da Língua Portuguesa*).

Ao lado destas, encontramos denominações de formação latina, como *cristianismo* e *paganismo*³.

Mas no *corpus* deste século regista-se igualmente o nome *mourismo*, que representa uma das primeiras palavras construídas com o sufixo *-ismo* na língua portuguesa. A palavra, que tem por base um radical nominal (mour-), surge em Gil Vicente («e o mourismo irado com pesar de nosso bem»), significando ‘conjunto de mouros’.

Este nome, com valor colectivo, não é um termo de especialidade; no entanto, tem um enorme valor simbólico para a língua portuguesa, se se tratar efectivamente de um dos primeiros derivados em *-ismo* desta. Esse valor avulta tanto mais quanto não se trata de uma denominação da área

3 Cf. *cristianismo*, «outra cousa he no sacramento do Baptismo, o qual como de sua natureza nam seja contracto, & nelle se imprima character, de qualquer maneyra que o baptizado consinta, fica obrigado ao Christianismo», (frei Amador Arrais, 1589, *Diálogos*). Neste diálogo pastoral o autor expende reflexões sobre diversos assuntos, entre eles questões religiosas.

paganismo, «pouco ia em trazer ao pescoço o cordão de três pontas, por mais que fosse divisa do paganismo, se o intento não era professá-lo, como o trazem para o professar os brâmanes» (João de Lucena, 1600, *Historia da vida do Padre S. Francisco Xavier*).

da religião ou das doutrinas filosóficas ou ideológicas, mas de uma palavra de sabor coloquial, informal, algo depreciativo.

2.4. Século XVII

O século XVII apresenta novidades no que se refere às modalidades de introdução de nomes em *-ismo* no português.

Até este momento, o latim e o grego têm servido de fonte principal destes nomes. Mas no século XVII assiste-se a importações regulares de nomes em *-ismo* a partir das línguas românicas, a par com algumas criações autóctones em língua portuguesa.

Como assinala Verdelho (1998: 6),

A circulação das linguagens de especialidade activou-se com a intercomunicação plurilingue a partir do século XVII. Entretanto, já anteriormente, a conjuntura da Europa Ocidental, caracterizada pelo uso geral do latim como língua escrita, sobretudo nos textos de erudição e de informação escolarizada, tinha criado uma certa predisposição para o encontro transnacional e translinguístico e sobretudo tinha latinizado e grecizado os processos de neologia lexical e de criação terminológica.

[...], no século XVI, a língua portuguesa, como outras novilatinas, já disporia do sufixo como formante próprio, estando ao serviço da formação de nomes não apenas denominais, mas porventura também deadjectivais.

Como exemplo de nomes em *-ismo* deadjectivais produzidos em português, surge o nome *gentilismo*, «os homens destas partes nas trevas de seu gentilismo viviam, ordinariamente falando, com ignorancia invencível da Fé divina» (Simão Vasconcelos⁴, 1663, *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil* [...], *apud* <www.corpusdoportugues.org>). Trata-se de uma denominação de «formas sistemáticas de ser, estar, actuar», que se enquadra portanto no âmbito dos nomes abstractos denotadores de estados, de modos de ser, estar ou actuar e/ou de sistemas de pensamento e/ou actuação (cf. Rio-Torto, no prelo), que continuarão a ser produzidos também na língua portuguesa, como *anatomismo* (séc. XVIII).

Quanto a *nepotismo* («os que por consanguinidade ou afinidade, todas remotas, podem ter direito ao nepotismo») (Padre António Vieira, *Cartas*,

4 Religioso da Companhia de Jesus, Simão de Vasconcelos foi professor de Humanidades e de Teologia Especulativa e Moral.

apud <www.corpusdoportugues.org>), a sua procedência é mais problemática⁵.

O século XVII acusa, no que a este domínio derivacional diz respeito, um fenómeno de importação/tradução de fontes novilatinas que se perpetuará pelos séculos seguintes e que constitui uma marca de diferenciação de muitas denominações em *-ismo*. Os derivados *calvinismo* («O intento de El-Rei Cristianíssimo na extinção do calvinismo é tão divino» (Padre António Vieira, *Cartas*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>)) e *quietismo* («Aqui nao há de novo mais que desterrarem al mas pessoas por quietismo, que é aquêlê célebre erro da religiao pelo qual se poe a alma aos pés do Criador e o corpo nos braços das criaturas» (José da Cunha Brochado⁶, 1690-1700, *Cartas*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>)), ainda que decomponíveis como derivados em português, devem ter sido, e é desse modo que Cunha, 1986, os apresenta, primeiramente derivados em francês (*calvinisme* e *quietisme*) e posteriormente importados para o português. Este fenómeno de importação de línguas europeias é considerado (Verdelho, 1998) como uma das estratégias de inovação terminológica na língua portuguesa, como em outras línguas europeias coevas.

2.5. Século XVIII

O século XVIII, principalmente na sua segunda metade, representa um marco decisivo para o desenvolvimento das terminologias no que ao acervo lexical da língua portuguesa diz respeito:

foi sobretudo a partir de meados do século XVIII que a língua portuguesa se integrou no interfluxo lexicográfico europeu, de modo a absorver as terminologias plurilingues que se encontravam, já então, num progressivo curso de dicionarização (Verdelho, 1998: 6).

Todavia, o modo de introdução e/ou de criação das denominações em *-ismo* em português não apresenta rupturas significativas.

A língua grega continua a ser fonte de alguns destes nomes, de forma directa como em *asterismo* («composto de varias estrellas» (Bluteau,

5 Para *nepotismo* pode-se colocar a hipótese de ser resultado de uma importação. A palavra francesa *népotisme* é apresentada (*Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* <www.cnrtl.fr>) como sendo um «Empr. à l'ital. *nepotismo* (1672, Leti, au sens 1 d'apr. *DEI*), dér. de *nepote* «neveu», isto é, como resultante de uma importação do italiano.

6 Embaixador de Portugal em várias capitais europeias.

1712-1721)), através do latim tardio como *paralogismo* (Bluteau, 1712-1721) ou do francês, *anacronismo* (Bluteau, 1712-1721). O latim tardio também fornece formações próprias, como *arcaísmo*, «Arcaísmo chamaõ os Grammaticos, e Retoricos a todas as vozes, ou frases antigas» (Bluteau, 1712-1721).

As criações românicas que estão na origem de alguns dos nomes portugueses são de origem francesa, como *analogismo* («Curar por analogismo (Segundo a phrase Medica) he curar huma doença ignota, que de novo aparece, com medicamentos de outra semelhante» (Bluteau, 1712-1721)) e *despotismo* («pois que em todas as circunstâncias ressaibe inteiramente ao despotismo, que praticaram os senhores acastelados e os régulos que viveram no século da ignorância e barbaridade, com escândalo e horror da humanidade, com injúria do poder dos Reis» (Alexandre de Gusmão⁷, 1735, *Cartas*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>)).

O francês representa a principal fonte coeva de importação de nomes em *-ismo*, fornecendo não apenas os seus neologismos (cf. *analogismo*), mas também nomes que recolhe do grego, como *estrabismo* («Palavra de Medico. Convulsaõ no olho, que impede o seu movimento» (Bluteau, 1712-1721)). Neste século, o francês parece ser a fonte essencial de intermediação entre o grego e o português.

É possível que os nomes *ateísmo* («ali se viam Judeus, Calvinistas, Luteranos, e outros monstros de diversas seitas do Norte. De tudo se formava um geral Ateísmo»: André de Barros⁸, 1727, *A Vida do Padre António Vieira*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>) e *grecismo* («(Termo Grammatical) Dizse da cõstrução, phrase, ou modo de fallar, próprio da lingoa Grega» (Bluteau, 1712-1721)) resultem também de um fenómeno de importação/tradução, ainda que linearmente decomponíveis em português, como cultismos.

2.6. Século XIX

Além das habituais vias de introdução/criação de nomes em *-ismo*, neste século surge como novidade o recurso a novas línguas europeias como fonte de importação.

A língua que se destaca é o inglês, que está na origem de nomes como *hipnotismo*, «t. de physiol. Especie de somno magnetico que se provoca

7 Alexandre de Gusmão foi diplomata em vários países e secretário de Dom João V, estando sempre ligado à vida política.

8 Padre da Companhia de Jesus.

fazendo olhar por uma pessoa um corpo brilhante» (Moraes Silva, 1889-1891), *abolicionismo*, *alcoolismo*, *darwinismo*, *humorismo*, *jingoísmo*, *mormonismo*, *truísmo*.

O francês, contudo, mantém e confirma o seu papel de principal fonte de denominações em *-ismo*, estando na origem de cerca de um quarto do *corpus* recolhido para este século. Alguns desses nomes são: *anglicismo*, *antagonismo*, *artrismo*, *ascetismo*, *budismo*, *cepticismo*, *comunismo*, *dualismo*, *empirismo*, *evolucionismo*, *federalismo*, *galvanismo*, *iluminismo*, *impressio-nismo*, *jesuitismo*, *liberalismo*, *linfatismo*, *maquinismo*, *mercantilismo*, *mutismo*, *positivismo*, *puritanismo*, *realismo*, *transformismo*, *turismo*.

O português continua neste século a produzir derivados, como *canibalismo*, *cretinismo*, *decadismo*, *espanholismo*, *fosforismo*, *ismaelismo*, *paralelismo*, *parnasianismo*, *raquitismo*.

2.7. Século XX

Os processos de importação/criação dos nomes em *-ismo* mantêm-se inalterados neste século. Apenas surge alguma diversidade no que toca às línguas modernas que fornecem nomes ao português.

Se até ao século XIX o francês tem tido uma posição privilegiada como fonte de novos nomes em *-ismo* para o português, a partir do século XIX surgem os primeiros nomes importados do inglês e essa tendência acentua-se no século XX (cf. *adventismo*, *catabolismo*, *humorismo*, *imagismo*, *inflacionismo*, *isolacionismo*, *metodismo*, *pragmatismo*, *utilitarismo*), quase triplicando o volume de denominações importadas.

Ainda que de modo residual, encontram-se outras línguas como fonte de novos nomes em *-ismo*; a sua introdução no português fez-se quer por via directa quer por via indirecta. Independentemente da via de introdução no português, a língua mais significativa é o italiano, tendo contribuído com seis nomes, a fazer fé em Cunha, 1986, *alpinismo*, *fascismo*, *futurismo*, *gamacismo*, *irredentismo*, *verismo*.

Segundo Cunha, 1986, serão produções portuguesas *anatematismo*, *apedeutismo*, *arabismo*, *beneditismo*, *calismo*, *cicutismo*, *comensalismo*, *neptunismo*, *trovadorismo*, *vintismo*, *vulcanismo*.

2.8. Sumário

Em 2. observámos quais as vias de aquisição e de criação de nomes em *-ismo* em português: empréstimos directos e indirectos às línguas clássicas e europeias coevas e criação de neologismos.

Estas vias de aquisição de nomes em *-ismo* estão em consonância com as vias de introdução de termos de especialidade e de termos técnicos assinaladas por Verdelho (1998: 7): «o fundo de origem grega do léxico português foi quase integralmente mediatizado por outras línguas e especialmente pelas línguas românicas». Mas o latim serviu simultaneamente como língua-mãe e como fonte de referência para a formação e renovação das terminologias, pois «As linguagens de especialidade instituíram-se primeiramente na tradição textual latina» (Verdelho, 1998: 8-9).

Em relação à difusão de nomes em *-ismo*, o francês assume, numa primeira fase, um papel preponderante. Mais recentemente, e de modo tão ou mais invasivo que o francês, sobressai a influência do inglês.

Em suma, são as seguintes as formas de introdução de novos nomes em *-ismo* em português:

- Importação do grego e/ou do latim
- Importação de línguas românicas (francês, italiano)
- Importação de línguas germânicas (inglês)
- Formação no português

3. DISTRIBUIÇÃO DAS DENOMINAÇÕES EM *-ISMO* POR ÁREAS TEMÁTICAS

Os séculos XVIII a XX tiveram uma importância fulcral para o desenvolvimento das terminologias, pois é neste palco de uma crescente actividade científica e conseqüente produção linguística que ocorre uma enorme proliferação de denominações, e que se verifica uma maior diversificação das áreas temáticas em que os nomes em *-ismo* estão representados.

Esta realidade colocou desafios incomensuráveis aos especialistas e aos linguistas:

A los científicos que en los siglos XVIII e XIX se preocupan seriamente por la «proliferación de denominaciones» y sienten la necesidad de ordenarlas, les urge resolver el gran barullo de formas –y de relaciones entre formas e conceptos– que dificultan la comunicación (Cabré, 1993: 31).

A fim de observar de que modo se processou o crescimento das denominações em *-ismo* pelas diferentes áreas do saber, a partir do século XVIII, e de identificar as tendências mais relevantes da sua distribuição, partimos do quadro de áreas temáticas do CREA, *Corpus de Referencia del Español Actual* <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>. Pelas razões já antes expostas, incluímos numa só –Ciências humanas e sociais, crenças e pensamento– as áreas de Ciências sociais, Crenças e Pensamento e de Política, Economia, Comércio e Finanças.

Como ficou dito, a distribuição de alguns nomes pelas áreas das Ciências sociais, Crenças e Pensamento e das Política, Economia, Comércio e Finanças nem sempre é fácil de fazer –a ciência e a prática política, económica, financeira e o(s) seu(s) léxico(s) têm forte carácter institucional e programático, assente em fundamentação teórica alicerçada em ciências, ideologias, filosofias específicas– e, por isso, optámos por construir uma macro-área que alberga as denominações de sistemas de pensamento de todos estes diferentes sectores do saber⁹.

Doravante, a área das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento engloba, pois, os nomes em *-ismo* que denotam doutrinas, práticas, teorias, sistemas, propriedades, etc. relacionados com as áreas da política, economia, finanças, filosofia, literatura, religião, sociologia, comércio.

Ao longo dos séculos, e de acordo com os dados recolhidos, as denominações em *-ismo* inscrevem-se essencialmente em três áreas temáticas: (i) Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento, (ii) Ciências e Tecnologia e (iii) Ciências da Saúde.

3.1. Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento

A área temática mais representada é a das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento, apresentando para o século XX mais de sete centenas de nomes, que configuram cerca de três quartos do total dos nomes recolhidos neste século.

Desde o século XV, em que ocorrem *baptismo*, *catecismo* e *exorcismo*, da área da Religião, que os nomes em *-ismo* que se inscrevem no vasto universo das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento têm revelado um crescimento constante, duplicando de século para século.

No século XVI (sete denominações) registam-se *cristianismo*, *helenismo*, *ostracismo*, *paganismo*, *pirronismo*, *silogismo*, *solecismo*. No século XVII registam-se 14 novas denominações (*aforismo*, *barbarismo*, *calabrisimo*, *calvinismo*, *cristianismo*, *gentilismo*, *jansenismo*, *judaísmo*,

9 Nomes como *capitalismo* («regime económico caracterizado pela grande produção, pelo investimento de grande massa de bens e pela propriedade individual dos capitais; regime no qual o poder político está na dependência dos detentores de capitais» (DLP 2006)) e *franquismo* («regime político, em Portugal, chefiado pelo estadista João Franco (João Franco Ferreira Pinto Castelo Branco, 1885-1929); regime político, em Espanha, do general Francisco Franco, 1892-1975» (DLP 2006)) são exemplos de denominações de regimes, sistemas, práticas políticas e económicas a que subjazem concepções ideológicas específicas, que se situam transversalmente a diferentes sub-áreas das ciências ideológicas-económicas-políticas.

maquiavelismo, nepotismo, paganismo, quietismo, silogismo, solecismo). No século XVIII (segundo Cunha, 1986) surgem novas denominações, de que se destacam *anacronismo, arcaísmo, ateísmo, despotismo, dialogismo, grecismo, hebraísmo, helenismo, idiotismo, jacobinismo, maometismo, paralogismo, patriotismo, peripatismo, prossilogismo, protestantismo*.

No século XIX o desenvolvimento das ideologias teve enorme repercussão na formação e divulgação de nomes em -ismo, tais como *abstencionismo, capitalismo, carlismo* (Moraes Silva, 1889-1891), *constitucionalismo, doutrinário, feudalismo, imperialismo* (Moraes Silva, 1889-1891), *liberalismo, mercantilismo* «tendência para subordinar tudo ao comércio, ao interesse» (Moraes Silva, 1889-1891), *militarismo, parlamentarismo, republicanismo, rotativismo, separatismo, ultramontanismo* «doutrina da infalibilidade do poder temporal do papa» (Moraes Silva, 1889-1891), *unitarismo*.

No século XX, e segundo as abonações cronológicas de Cunha, 1986, o número ascende a mais de uma centena: *adesionismo, altruísmo, anarquismo, ascetismo, associativismo* («doutrina que preconiza a livre associação de pequenos grupos de produtores como solução para problemas socioeconómicos» (DLP 2006), *bicameralismo, bramanismo, caciquismo, cepticismo, cinismo, comercialismo* («preponderância ou hegemonia do comércio» (DLP 2006), *culteranismo, deflacionismo, determinismo, dezembroismo, dogmatismo, epicurismo, eufemismo, estadismo, galicismo, germanismo, indianismo, laicismo, lamaísmo, livre-cambismo, maoísmo, monadismo, naturalismo, neologismo, orientalismo, platonismo, pombalismo, presidencialismo, proteccionismo, quinhentismo, semitismo, teutonismo*.

O gráfico 2 permite observar a enorme diferença na capacidade de produção de nomes em -ismo dentro das diferentes áreas temáticas. A forte disponibilidade do sufixo -ismo para produzir denominações no âmbito das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento, face às demais (Ciências e Tecnologia e Ciências da Saúde) fica nele bem patente.

A área das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento é efetivamente aquela em que as denominações em -ismo mais abundam (cf. gráfico 2), no *corpus* recolhido do século XX. Os nomes em -ismo estão indissociavelmente ligados à formação de termos das ciências humanas e sociais, ou seja, de denominações de sistemas de pensamento, de crenças, ideológicos, religiosos, políticos, filosóficos e afins.

Ainda que o gráfico reflecta apenas os dados do século XX, estes não diferem dos dados de séculos anteriores, acentuando aliás uma tendência já revelada.

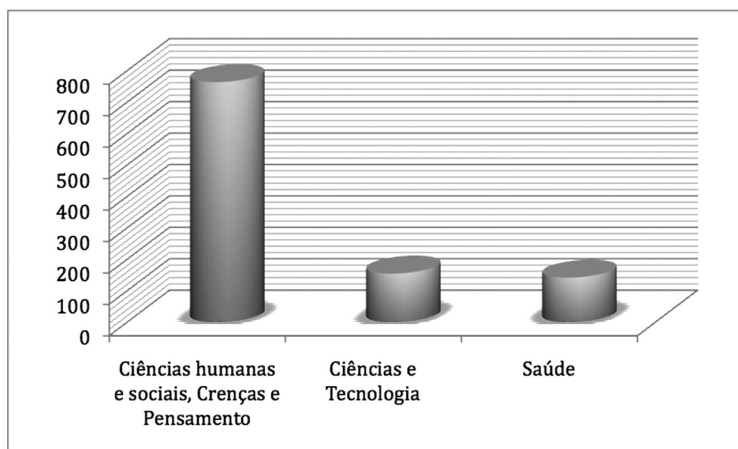


Gráfico 2. Nomes em -ismo no século XX

3.2. Ciências e Tecnologia

A outra área em que as denominações em *-ismo* são muito significativas (cf. gráfico 2) é a das Ciências e Tecnologia. Contudo, esta área até ao século XX ocupou um lugar menos relevante que a da Saúde.

Nos séculos XIV e XV não há ocorrências em *-ismo* nesta área. Nos séculos XVI e XVII apenas se regista *algarismo* (Bento Pereira¹⁰, 1697, *Prosódia*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>), a que se acrescentam no século XVIII *asterismo* e *mecanismo*, «Como físico instruído nas leis do mecanismo, ele lhes ensinará a aumentar as forças pelo meio das máquinas.» (J. J. da Cunha Azeredo Coutinho¹¹, c1790, *Obras Econômicas*, *apud* <www.corpusdoportugues.org>); no século XX dispomos de uma vintena de novos nomes (*antagonismo*, «t. de phys. Lucta, combate» (Moraes Silva, 1889-1891), *magnetismo*, «virtude, qualidade, propriedade do magnete» (Moraes Silva, 1889-1891)), e só no século XX as denominações ascendem a centena e meia (*chromatismo*, «qualidade do que é cromático: FÍSICA coloração ou irisação resultante da decomposição e dispersão da luz que atravessou um corpo transparente» (DLP 2006), *endemismo*, «fenómeno da distribuição das espécies (ou subespécies) animais ou vegetais referida

10 Bento Pereira foi membro da Companhia de Jesus, a sua obra, *Prosódia*, de carácter dicionarístico, tinha fins escolares.

11 José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho foi sacerdote formado em Direito Canónico e ocupou o cargo de Inquisidor-geral.

a uma área restrita e mais ou menos isolada» (DLP 2006), *isomerismo*, «o m. q. isomeria» (DLP 2006)).

Como se pode observar pelos dados apresentados, só muito tardiamente se inicia o crescimento dos nomes em *-ismo* que denotam realidades desta área específica do saber das ciências exactas e tecnologias. Na passagem do século XIX para o XX o sufixo *-ismo* acabou por ganhar capacidade de produzir nomes desta esfera, acusando uma significativa produtividade.

3.3. Ciências da Saúde

As denominações em *-ismo* ligadas à área das Ciências da Saúde têm tido um crescimento discreto quando comparadas com as das Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento. Os primeiros nomes em *-ismo* que nela podemos enquadrar surgem tardiamente, um no século XVII (*priapismo*, «Priapismo doença», (Bento Pereira, 1696, *Prosódia*, apud <www.corpusdoportugues.org>), alguns outros no século XVIII (como *ptialismo* e *reumatismo*, ambos em Bluteau, 1712-1721), e três dezenas (*albinismo*, «t. med. Anomalia congenita» (Moraes Silva, 1889-1891), *nerovismo*, «t. med. Systemas de medicina nos quaes todos os phenomenos morbidos são attribuidos ás aberrações da força nervosa § Doença» (Moraes Silva, 1889-1891) no século XIX.

No século XX o caudal de denominações em *-ismo* ascende a centena e meia. Deles se destacam: *paludismo*, «Med. Doença parasitária» (DLP 2006), *calismo*, «(medic.) série de acidentes mórbidos causados pela potassa» (DLP 2006), *arsenicismo*, «intoxicação pelo arsénico» (DLP 2006).

Nos séculos XVIII e XIX as denominações em *-ismo* da área das Ciências da Saúde eram em maior número do que as que se situavam na área das Ciências e Tecnologia. No entanto, as posições invertem-se no século XX. De facto, neste século, surgem muitos nomes de 'intoxicação' (*arsenicismo*, *cantaridismo*, *nicotinismo*), dando sequência ao que se verificava no século XIX, em que alguns nomes em *-ismo* denotavam doenças por intoxicação (alcoholismo) ou não (eretismo).

As denominações da área das Ciências da Saúde caracterizam-se por se socorrerem do vocabulário grego para a sua importação e criação. Assim, o português tem feito importação de palavras derivadas em grego (*cateterismo* < *kathetērismós*, *reumatismo* < *rheumatismós*, *paroxismo* < *paroxismós*) ou de radicais gregos a partir dos quais extrai o elemento que servirá como base da derivação (*enolismo* < -en(o)- < *oînos*). Também o

latim científico oferece formações em *-ismo* a esta área, se bem que em menor número (*sialismo* < *sialismus*).

Estes nomes em *-ismo* são verdadeiras unidades terminológicas, de circulação internacional.

3.4. Áreas mais recentes: Artes, Desportos, Lazer e Vida quotidiana

As denominações em *-ismo* no âmbito das artes, do desporto, do lazer/ócio e das actividades da vida quotidiana são praticamente inexistentes até ao século XIX. Neste século surgem no âmbito das artes *bizantismo*, *classicismo*, *ilusionismo*, *impressionismo* e no século XX cerca de seis dezenas de denominações (*cubismo*, *expressionismo*, *fauvismo*, *figurativismo*, *futurismo*, *minimalismo*, *modernismo*, *paisagismo*, *parnasianismo*, *pontilhismo*, *simbolismo*, *surrealismo*, *wagnerismo*).

No âmbito do desporto o século XIX gera *acrobatismo*, *atletismo*, *automobilismo*, assim como, *jornalismo* e *turismo*, denominações de duas fortes áreas de actividade desde então; no século XX surgem cerca de meia centena de denominações (*aeroplanismo*, *campismo*, *caravanismo*, *hipismo*). Além destas áreas, nestes séculos aparecem nomes em *-ismo* que denotam atitudes, modos de ser, como *catitismo*, *cavalheirismo*, *coquetismo*, *cosmopolitismo*, *dandismo*, *diletantismo*, *donjuanismo*, *elegantismo*, *janotismo*, no século XIX e, no século XX, os que denotam novas actividades profissionais e/ou lúdicas (*ecoturismo*, *excursionismo*, *filatelismo*, *filumenismo*, *fotojornalismo*, *pantagruelismo*, *publicismo*).

Estas denominações apresentam algumas especificidades no seu modo de formação e na sua semântica. Sob o ponto de vista da sua introdução/criação, estes nomes caracterizam-se pelo escasso recurso às línguas clássicas, ao contrário do que sucede em outras áreas.

Sob o ponto de vista semântico, regista-se um alargamento na denotação das denominações em *-ismo*, uma vez que estes passam a denotar desportos (*atletismo*, «modalidade desportiva que engloba as corridas, os saltos e os lançamentos» (DLP 2006)), novas profissões (*jornalismo*, «profissão de jornalista; conjunto dos jornalistas» (DLP 2006)), novas áreas de actividade, novos hábitos/práticas (*turismo*, «gosto pelas viagens; tudo o que se relaciona com os serviços organizados de viagens de estrangeiros num país [...]» (DLP 2006)), atitudes/comportamentos sociais (*dandismo*, «afecção de dândi» (DLP 2006)) e traços de carácter (*cavalheirismo*, «qualidade ou acção de cavalheiro [...]» (DLP 2006)).

Estes dados revelam a grande versatilidade do sufixo, capaz de se adaptar às novas e múltiplas necessidades de denominação.

4. SEMÂNTICA DOS NOMES EM *-ISMO*

Os nomes em *-ismo* apresentam, ao longo dos séculos, valores semânticos algo diversos, em função das áreas temáticas a que estão ligados.

Alguns dos significados são bastante específicos, outros suficientemente genéricos para serem comuns a diferentes áreas temáticas.

Um dos sentidos presentes em diferentes áreas temáticas é o que diz respeito à possibilidade de o nome denotar uma teoria, em qualquer área científica ou de especialidade, da medicina, biologia, antropologia, às ideologias: *frenologismo*, «o m. q. frenologia (antiga teoria que considerava a conformação e as protuberâncias do crânio como indicativo das faculdades ou aptidões do indivíduo)» (DLP 2006); *mutacionismo*, «teoria que considera a transformação das espécies (transformismo) como consequência de mutações fixas e hereditárias» (DLP 2006); *individualismo*, «teoria segundo a qual os homens são sempre demasiado governados, pelo que o ideal político deve ser o desenvolvimento da iniciativa privada e a redução das funções do Estado ou mesmo a sua supressão» (DLP 2006).

Muitos nomes em *-ismo* denotam uma doutrina, um sistema doutrinário, de pensamento ou explicativo, um método marcado pela sistematicidade (*confucianismo*, «doutrina social e moral de Confúcio [...]» (DLP 2006); *alegorismo*, «método de exegese da Sagrada Escritura muito usado na Escola de Alexandria [...]» (DLP 2006); *utilitarismo*, «Doutrina que coloca o valor supremo na utilidade» (DLP 2006)). Estes sentidos são aplicáveis a diversos campos do saber, seja o religioso (*anabatismo*, «doutrina herética que, considerando nulo o baptismo [...]» (DLP 2006); *bramanismo*, «religião [...] cuja divindade suprema é Brama; corrente filosófica [...]» (DLP 2006)), o das ciências sociais e das ideologias (*ultramontanismo*, «doutrina da infalibilidade do poder temporal do papa» (Moraes Silva, 1889-1891), *mercantilismo*, «tendencia para subordinar tudo ao comércio, ao interesse» (Moraes Silva, 1889-1891); *culteranismo*, «escola literária do século XVII, caracterizada pelo extremo rigor no emprego das palavras e pelo estilo afectado e conceituoso» (DLP 2006)), o das ciências da terra (*catastrofismo*, «doutrina [...] que admite a existência, na história da Terra, de catástrofes bruscas e de grande amplitude, capazes de destruir animais e plantas» (DLP 2006)), o da física (*fisicismo*, «sistema que pretende explicar pelas leis da física todos os fenómenos» (DLP 2006)).

Os nomes em *-ismo* também podem denotar uma prática, um procedimento (*cateterismo*, «sondagem com cateter» (DLP 2006), *inflacionismo*, «política ou prática da inflação [...]» (DLP 2006)) e/ou um estado, um

modo de ser e/ou de actuar (*canibalismo*, «estado ou acção de canibal; antropofagia» (DLP 2006)).

Existem ainda significações muito especializadas, e por isso mais circunscritas, às áreas do saber a que estão ligadas. Assim acontece com nomes técnicos que denotam propriedades (*pleocroísmo*, «propriedade que se verifica em certos minerais e se manifesta pela forma diferente como a luz relativa a determinada cor é absorvida segundo a direcção em que vibra no seio do mineral considerado» (DLP 2006)) e fenómenos (*tropismo*, «movimento parcial de um organismo que se manifesta pela orientação dos seus órgãos, e que é provocado por um estímulo externo» (DLP 2006)).

Na área das Ciências da Saúde também encontramos nomes em *-ismo* com significações muito específicas, directamente relacionadas com as particularidades deste vasto domínio do saber. Assim, os nomes em *-ismo* podem denotar doenças (*autismo*, «estado mental caracterizado por uma concentração mórbida do indivíduo sobre si mesmo [...]» (DLP 2006)), sinais clínicos (*trismo*, «aperto ruidoso e involuntário das maxilas uma contra a outra, provocado pela contracção espasmódica dos músculos mastigadores» (DLP 2006)), intoxicações (*quinismo*, «intoxicação provocada pelo uso imoderado dos alcalóides da quina» (DLP 2006)).

Esta diversidade de significados a que o sufixo está ligado não é exclusiva da língua portuguesa, mas ocorre já na língua grega, como se comprova através das palavras herdadas, em diferentes momentos, do idioma helénico: *judaísmo*, «doutrina religiosa monotéista, assente no Antigo Testamento e seguida pelos Judeus; religião judaica [...]» (DLP 2006), *ostracismo*, «condenação a exílio por crimes políticos, decretada, entre os Atenenses, pela Assembleia do Povo, cujos membros costumavam exarar os seus sufrágios e sentenças em conchas de ostras» (DLP 2006), *lambdacismo*, «pronúncia viciosa caracterizada pelo emprego do l em vez do r» (DLP 2006), *reumatismo*, «(medic.) designação extensiva a certas doenças (num conjunto heterogéneo) em que as principais manifestações, geralmente dolorosas, são a inflamação e a degenerescência de tecidos nas articulações, nos músculos e em outros órgãos» (DLP 2006), *silogismo*, «LÓGICA inferência imediata constituída por três proposições, duas chamadas premissas e a terceira, conclusão [...]» (DLP 2006), *asterismo*, «constelação; grupo de estrelas; conjunto de estrelas que parecem ser uma só [...]» (DLP 2006) e *cateterismo*, «sondagem com cateter» (DLP 2006).

Os nomes em *-ismo* e, por consequência, este sufixo, estão pois disponíveis para servirem diferentes áreas temáticas, ajustando o seu significado a cada uma. Esta capacidade prende-se com a enorme amplitude semântica do sufixo, capaz de servir a denominação de práticas, doutrinas, conjuntos, propriedades, etc.

Esta possibilidade de estar ao serviço da denominação nominal em diferentes áreas temáticas já ocorre em grego antigo, tendo-se perpetuado nas várias línguas modernas que adoptaram este mesmo sufixo na sua aparelhagem derivacional. A semelhança formal do sufixo nas várias línguas que actualmente o usam, o facto de continuar a seleccionar bases de origem clássica e a circunstância de desde sempre ter estado ligado a áreas do saber especializadas ajudam a explicar a circulação dos nomes em *-ismo* pelas diferentes línguas e a sua internacionalização quase ímpar, nos sistemas derivacionais.

Na língua portuguesa os nomes em *-ismo* têm tido um crescimento constante e crescente, mais acentuado a partir do século XVIII.

Muitas das denominações resultam de processos de tradução/importação das línguas clássicas e modernas. Mas muitas outras representam derivações vernáculas na língua portuguesa.

As Ciências humanas e sociais, Crenças e Pensamento (*liberalismo*, *darwinismo*, *kantianismo*, *islamismo*) são as áreas de saber em que se verifica uma presença mais significativa destes nomes. Também nas Ciências e Tecnologia (*magnetismo*) e nas Ciências da Saúde (*albinismo*, *arsenicismo*) estes nomes estão bastante representados. Mais recentemente (século XX), as denominações em *-ismo* abriram-se a outras áreas, como a das Artes (*cubismo*, *expressionismo*), a do desporto (*atletismo*, *campismo*), a das indústrias do ócio/lazer (*excursionismo*, *ecoturismo*) e até a denominações de propriedades não especializadas capazes de descrever predicativamente um comportamento, um modo de ser e/ou de actuar, como *cosmopolitismo*, *diletantismo*, *dandismo*, *donjuanismo*, *snobismo* (Rio-Torto, 1998: 123).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria (2002): «Neologia técnico-científica e análise de corpus», en Margarita Correia (org.) *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional. IV Simpósio Ibero-americano de Terminologia*, Edições Colibri/ILTEC, Lisboa, pp. 139-149.
- BARBOSA, Ana Vieira (em preparação): *Derivação nominal em Português. Denominações em -ismo*. Dissertação de doutoramento, sob orientação de Graça Rio-Torto. Universidade de Coimbra.

- BARBOSA, Maria Aparecida (2002): «Delimitação do conceito e da definição do termo técnico e científico: percursos epistemológicos e metodológicos», en Margarita Correia (org.), *Terminologia, desenvolvimento e identidade nacional. IV Simpósio Ibero-americano de Terminologia*, Edições Colibri/ILTEC, Lisboa, pp. 181-193.
- CABRÉ, María Teresa (1993): *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*, Editorial Antártica/Empúries, Barcelona.
- CORREIA, Margarita (1998): «Neologia e terminologia», en Maria Helena Mateus y Margarita Correia (coord.), *Cursos da Arrábida. Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*, Publicações Europa-América, Lisboa, pp. 59-74.
- RIO-TORTO, Graça (1998): «Regras de formação de palavras em português: achegas para um quadro geral», en Graça Rio-Torto, *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto Editora, Porto, pp. 109-132.
- (en prensa): «Mudança genolexical: teoria e realidade», en *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* (número especial: Actas do Colóquio sobre «Mudança e variação nas línguas românicas». Universidade do Porto, FLUP, 13-15 Dezembro 2007).
- RODILLA, Bertha M. Gutiérrez (1998): *La ciencia empieza en la palabra. Análisis e historia del lenguaje científico*, Ediciones Península, Barcelona.
- VERDELHO, Telmo (1998): «Terminologias na língua portuguesa. Perspectiva diacrónica», en Jenny Brumme, *La història dels llenguatges iberoromànics d'especialitat (segles XVII-XIX): solucions per al present*, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, pp. 98-131.

CORPORA

- Corpus de referencia del español actual*. <<http://corpus.rae.es/creanet.html>>.
- DAVIES, Mark e Michael FERREIRA, Corpus do Português (45 milhões de palavras sécs. XIV-XX). <<http://www.corpusdoportugues.org>>.

DICCIONÁRIOS

- BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario portuguez e latino*. 10 vols., sendo os dois últimos de Suplemento ao Vocabulário portuguez e latino.

Coimbra - Lisboa, Colégio das Artes da Companhia de Jesus - Pascoal da Silva, 1712-1728.

COROMINAS, Joan e José A. Pascual (1991-1997): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 5 vols. Editorial Gredos, Madrid.

CUNHA, Antônio Geraldo da (1986): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.^a edição, revista e acrescida de um suplemento. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

SILVA, António de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza*. 9.^a ed. rev. e ampliada. Empreza Litteraria Fulminense, Lisboa, 1889-1891.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto Editora, Porto, 2006. [DLP 2006].

